

"O Globo" 31.5.60

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### OTACÍLIO NEGRÃO

COM as tropas legalistas diante do túnel da Mantiqueira, em 1932, havia três homens que estavam destinados à ascensão política.

Um deles, prefeito de uma cidade do interior, haveria de ser Governador de Minas, e ter importância política nacional: Benedito Valadares, que era Chefe de Polícia das forças em operações e fazia a censura da correspondência do único repórter que a certa altura ali se achava.

Outro, um médico da Força Pública, seria, a convite do primeiro, Prefeito de Belo Horizonte e depois Governador de Minas, Presidente da República, *Creator Brasiliae* — e não se sabe mais o que será o Dr. Juscelino.

E, finalmente, um engenheiro de 35 anos, cara sangüínea, gestos bruscos, que comandava o Batalhão de Engenharia da Força Pública mineira: Otacilio Negrão de Lima. Acompanhei sua tropa quando ela foi abrir uma picada na floresta para uma progressão no setor direito, da Fazenda de São Bento para o pico do Cristal. E no dia em que tombou morto, com uma bala de fuzil, o Coronel Fulgêncio, e um outro oficial morreu ao explodir a granada que tinha na mão, eu soube de um gesto de Otacilio: sem atender à ordem de sustar a ofensiva, êle empreendeu um ataque aos paulistas, desalojando-os de uma lombada, sendo depois obrigado a recuar por estar com o flanco desprotegido.

Logo depois fui prêso e recambiado para Belo Horizonte, pois meu jornal (eu estava nos "Associados") tomara o partido de São Paulo, mas sempre tive uma cordial admiração pelo engenheiro temperamental que, para vingar a morte de um amigo não hesitara em romper a disciplina. A política haveria de levá-lo mais tarde à Câmara Federal e ao Ministério do Trabalho: mas êle ficará na História de sua terra, principalmente como Prefeito de Belo Horizonte: Prefeito, da primeira vez, a convite de Benedito Valadares, mas, da segunda, eleito pelo povo, graças ao seu puro prestígio pessoal.

Foi êsse homem que morreu na noite de sexta-feira em Belo Horizonte, durante uma solenidade, quando falava diante das câmaras da televisão. Dêle se despede com sentimento aquêle bisonho repórter de 19 anos, em que muitos, em Manacá e Passa Quatro, viam um espião, e que êle soube proteger, enquanto pôde, com sua afetuosa camaradagem.